



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8392 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT12 - Currículo

EXPERIÊNCIAS ACONTECIMENTAIS E DOCÊNCIA: ATOS DE CURRÍCULO INSTITUÍDOS PELOS ACONTECIMENTOS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL INTEGRADA

Leiany Liria Queiroz Cunha - SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DA BAHIA

EXPERIÊNCIAS ACONTECIMENTAIS E DOCÊNCIA: ATOS DE CURRÍCULO INSTITUÍDOS PELOS ACONTECIMENTOS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL INTERADA

Resumo:

Esta pesquisa está inserida nos debates sobre os campos Currículo e Formação compreendidos aqui como projeto de sociedade através do qual saberes eleitos como formacionais são dinamizados pelos atos de currículo dos/as atores/atrizes curriculantes. Sendo assim, a sala de aula, como espaço de encontro das diferenças, muitas vezes, desestabiliza a continuidade temporal desses/as protagonistas, principalmente das pessoas professoras, provocando deslocamentos aqui compreendidos como acontecimentos que se apresentam impositivamente, exigindo uma nova maneira de atuar que não estava no *script* da previsibilidade. Este estudo tem como objetivo compreender as imbricações entre as experiências formacionais docentes e seus atos de currículo instituídos pelos acontecimentos no cenário da sala de aula, através de um estudo de caso unissingular, por se tratar de pesquisar com as experiências e inspirado na Etnopesquisa Crítica e Implicada. A problematização proposta fomenta o debate dos processos metaformacionais como caminhos possíveis para que pessoas professoras instituem implicações políticas de autonomização curricular.

Palavras-chave: Atos de currículo. Experiência. Acontecimento.

1 INTRODUÇÃO

A problemática aqui existente se construiu a partir da observação das narrativas de meus pares sobre como os devires do acontecimento desalojam os padrões curriculares, levando esses/as docentes a responderem ao acontecimento emergente dos encontros na sala de aula, alijando-o dos processos formacionais. Narrativas que se assemelhavam a deslocamentos sentidos por mim na sala de aula.

No encontro com as narrativas dos/as docentes iniciaram minhas indagações sobre as respostas dadas por eles/as aos acontecimentos. Porque eles/as ignoravam e/ou alijavam os questionamentos dos/as estudantes? Como eu poderia intervir propositivamente nessas relações?

Sendo assim, esse estudo, fruto de uma pesquisa de Pós-graduação *stricto sensu* já concluída, teve como objetivo compreender as imbricações entre as experiências formativas dos/as docentes de um Centro Estadual de Educação Profissional Integrida e seus atos de currículo instituídos pelos acontecimentos no cenário da sala de aula, através de um estudo de caso unissinilar, por se tratar de pesquisar com as experiências e inspirado na Etnopesquisa Crítica e Implicada proposta por Macedo (2010; 2012). E, embora outros dispositivos de compreensão tenham sido pensados, apenas as narrativas autobiográficas se efetivaram no processo da pesquisa. Para alcançar os objetivos pensados, buscou responder as seguintes perguntas: Quais os atos de currículo dos/as docentes de um Centro Estadual de Educação Profissional Integrida são instituídos a partir da emergência dos acontecimentos no cenário da sala de aula? Quais experiências formativas desses/as docentes estão imbricadas a esses atos de currículo? E, como os processos metaformativos, a partir dessas imbricações, podem ser percebidos como caminhos possíveis de implicações políticas de autonomização curricular?

2 RE-EXISTÊNCIA: ATO CONTRA HEGEMÔNICO

A escolarização enquanto processo civilizatório tem sido estratégia de poder que possibilitou à classe burguesa consolidar a massificação de sua cultura político-econômica. A monopolização do saber pelo Estado e a universalização da instrução, sob a ideia estratégica de inclusão social, disseminou os modelos da cultura disciplinar para toda a população. Nesse sentido, os saberes experienciais da população foram descartados sob o rótulo de ignorância, saberes desvalorizados.

Se foi via escolarização que as elites ocidentais imprimiram seu *habitus* durante dois séculos, através dela, também, é possível pensar fazer currículos contra hegemônicos. Pois, a Escola ainda é o *locus* de compartilhamento de saberes legitimado pelo Estado e pela sociedade.

As estruturas que circundam as relações pedagógicas, bem com relações sociais outras são condicionantes, porém não determinantes. Para Freire (2013), em Pedagogia da Autonomia, “a nossa presença no mundo não é a de quem nele se adapta, mas a de quem nele se insere” (FREIRE, 2013, p. 53). E por acreditar no que Freire nos diz me recuso a aceitar que estamos condenados/as apenas a reproduzirmos relações desiguais de poder.

Segundo a Teoria da Resistência, apresentada por Giroux (1986), a noção de resistência nos leva a compreender mais profundamente como as pessoas mediam as relações estabelecidas entre suas experiências de vida e as estruturas dominantes, tendo a emancipação como seu interesse norteador. Portanto, re-existir não é negar as estruturas opressoras, mas se opor à ideia de que há apenas um modo de viver, de existir. E, construir novas percepções, análises e *práxis* outras diante das realidades da escola, da sala de aula e, principalmente das experiências daqueles/as condicionados à categoria de oprimidos/as.

3 CURRÍCULO, FORMAÇÃO E ATOS DE CURRÍCULO: SABERES EM MOVIMENTO

O primeiro passo para tratar com as “coisas” do Currículo, independente do/a ator/atriz curricular em ato é nocioná-lo. Nas palavras de Macedo (2007, p. 24), currículo é:

[...] um artefato socioeducacional que se configura nas ações de conceber/selecionar/produzir, organizar, institucionalizar, implementar/dinamizar saberes, conhecimentos, atividades, competências e valores visando uma “dada” formação, configurada por processos e construções constituídos na relação com o conhecimento eleito como educativo.

A partir dessa referência, compreendo o currículo como um projeto de sociedade a fim de formar pessoas por meio de conhecimentos valorados e dispositivos de aprendizagens ideologicamente escolhidos, e que se apresenta em seu caráter movente na relação com os modos de pensar, agir e sentir dos/as atores/atrizes curriculantes.

O currículo aqui é compreendido como projeto, por isso aberto, movente. E esse movimento se traduz nos atos de currículo, ou seja, nas

“[...] ações situadas de atores sociais que, portando e criando sentidos e significados, portanto uma configuração ideológica na sua dinâmica responsável e responsável, inspiração bakhtiniana, se atualizam como possibilidades de alteração de toda e qualquer cena curricular” (MACEDO, 2013, p. 429).

O conceito de atos de currículo nos leva à compreensão de que os saberes pensados para o cenário da sala de aula são dinâmicos porque estão em relação com as diferenças trazidas pelos/as estudantes. Portanto, a sala de aula é campo fecundo para a emergência do acontecimento enquanto movimento dos saberes/metodologias eleitos como formacionais evidenciando o caráter não prescritivo do currículo.

Assim, compreendo o conceito de atos de currículo como (re)ações mediadoras implicadamente acomodadas em recalques, e/ou provisórias despreensões, e/ou refletidas, imbricadas a territórios culturais, a fim de conservá-los ou redimensioná-los, através das quais atores/atrizes sociais se posicionam diante dos saberes, métodos e avaliações eleitas como formacionais.

Os saberes/metodologias eleitos como formacionais não são neutros e, enquanto estiverem baseado em relações sociais meritocráticas, líquidas e fragmentadas, à ataques aos/às docentes enquanto classe trabalhadora, é preciso formular contra estratégias de re-existência.

Para isso é necessário compreendermos formação como experiência irreduzível do sujeito e nos distanciarmos da ideia de formação exoterodeterminada e reificada. Isso significa dizer que a formação é heteroformação, portanto relacional. Relações essas estabelecidas também com o mundo, com a natureza, o instituído. Assim, é também ecoformação. Mas se ela é uma experiência do Ser em formação, se é a partir do que se passa, do que acontece, do que toca esse sujeito que ele se constitui, a formação é também singular. Sendo assim é um processo de autoformação. E, pensando a formação como uma experiência implicada e refletida criticamente, como caminho fundante para um processo formacional qualificado e político, a formação é pensada como metaformação.

Partindo dessa compreensão, penso a formação como um processo experiencial, portanto acontecimental, que se realiza no encontro com a diferença, coacionando os indivíduos a (re)configurarem suas percepções. A questão é que esse processo não tem sido compreendido em sua condição experiencial, portanto intransponível. Sendo assim, o Ser da formação experiencia esses processos, reproduzindo, muitas vezes, culturas que oprimem sua própria condição material e/ou subjetiva. Diante disso, se faz necessário pensar e fazer currículos a fim de compreender a formação como um processo autoecoheterometamorfacional.

4 EXPERIÊNCIAS ACONTECIMENTAIS DOCENTES E OS ATOS DE CURRÍCULO

Segundo Larossa (2002), a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Logo ela é irreduzível ao sujeito que experimenta o acontecimento, portanto a experiência não se explica, apenas busca-se compreendê-la.

De acordo com Dosse (2013, p.32), o acontecimento “se revela sobretudo no indivíduo quando ele não tem escolha, impondo-se como absoluta imposição que interrompe o curso do tempo individual”. Nesses termos, compreendo o acontecimento como o estranhamento de uma realidade naturalizada, que pode provocar uma alteração nos etnométodos de quem é atravessado por ele. Portanto, o acontecimento é da ordem do imprevisível, do incerto, da singularidade, da experiência. E essa se relaciona em um processo simbiótico com a formação. Logo, alijar o acontecimento é violar o processo formacional é tomá-lo como exoterodeterminado.

Conforme o *continuum* experiencial de Dewey, toda e qualquer experiência toma algo das experiências passadas e modifica de algum modo as experiências subsequentes (DEWEY, 1976, p. 26). De acordo com Mialaret (*apud* BORBA, 2000), não ensinamos o que sabemos, sim o que somos. Ideia ratificada por Nóvoa (1992) de que a maneira como cada um de nós ensina depende diretamente daquilo que somos como indivíduos quando exercemos o ensino.

Sendo assim, a dinâmica curricular delineada pela relação entre atores/atrizes curriculantes na sala de aula se dá no encontro das diferenças desses/as protagonistas imbricadas aos atos de currículo dos/as mesmos/as. Logo, o/a professor/a dinamiza a cena curricular via seus atos de currículo, e esses estão imbricados a seus etnométodos, constituídos em emaranhados sociohistórico-culturais e político-econômicos.

Segundo Larossa (2009), o chegar a ser sujeito se prepara no inconsciente e, se é da ordem do inconsciente o fazer-se e constituir-se, portanto é formar-se, e a formação é experiencial. Logo a base do que nos passa, nos toca e nos acontece está no inconsciente, entendido aqui como:

[...] lembranças perdidas, reprimidas (propositalmente esquecidas), evocações dolorosas, percepções que, por assim dizer, não ultrapassaram o limiar da consciência (subliminais), isto é, percepções dos sentidos que por falta de intensidade não atingiram a consciência e conteúdos que ainda não amadureceram para a consciência. (JUNG, 1980, p. 59-60).

Se Ser-professor/a está imbricado as experiências acontecimentais do Ser-pessoa, e essas experiências não são necessariamente refletidas. Para pensar criticamente o lugar de professor/a é preciso refletir, a partir de processos metaformacionais, sobre a formação enquanto pessoa, e essa se constitui a partir de um *continuum* experiencial. Acredito que os processos metaformacionais, podem ser um caminho fecundo de possibilidades emancipacionistas para pensar fazer currículo que acolham o acontecimento experiencial da formação.

5 INFORMAÇÕES COLETADAS: COMPREENSÕES SITUADAS

Os deslocamentos narrados pelos/as sujeitos da pesquisa se encontram imbricados aos *continuums* experienciais desses/as docentes. Em suas narrativas é possível encontrar essas imbricações como nas palavras do Professor Olímpio Dias ao dizer que “Eu nunca fiquei muito de saia justa, tá certo? Você pode dizer isso é prepotência entendeu? [...] Essa desconstrução que alguém tem que fazer de saia justa. [...]. Eu sempre fui muito habilidoso na construção dos meus conceitos. ” Esses relatos podem estar relacionados a outra narrativa em

que o Professor se percebe como alguém que teve que aprender a se defender de palavras e atitudes de opressão como: “A gente cresceu sendo discriminado, então a gente teve que se unir pra se defender. A gente morava a 2km da cidade e os caras da cidade se achavam melhores” (Olimpio Dias). Então, estar à espreita do acontecimento diante da diferença do outro parece ser um mecanismo de defesa e que, possivelmente, impulsiona o professor Olímpio a compor seus atos de currículo de forma acolhedora ao relatar que “[...] quando eu chego pra dar uma aula eu procuro conhecer a necessidade deles. [...] Eu sempre quis fazer diferente do que fizeram comigo”.

Imbricação semelhante aparece nas narrativas do Professor Renato “ Mas o que que as pessoas por eu ser assim, já lhe digo, tiram as minhas oportunidades? ” (*id.*); “Então eu acho que é discriminação.” O “eu ser assim” se refere à sexualidade do Professor Renato, por essa ir de encontro à heteronormatividade. Então, um dos momentos de deslocamento na sala de aula narrados pelo Professor é um episódio, no qual teve sua sexualidade ofendida pejorativamente por um estudante e que saiu “feito cascavel”, em suas palavras, para falar com a gestora da época que, nas palavras dele, “deu a transferência na hora!”. É possível perceber que a dinâmica da sala de aula foi atravessada pela reação do Professor ao comentário do estudante por este ter provocado experiências dolorosas dos processos formativos do Professor Renato, principalmente sua relação com seu pai ao narrar “acho que eu provei que tinha alguma capacidade aí ele me botou na escola. [...]. Eu só fui pra escola com oito anos. Eu sou o mais velho” (Renato).

As Professoras, Ivana e Rebeca, também narram episódios de emersão do acontecimento em que seus atos de currículo, responsáveis pela dinâmica do encontro entre as diferenças na sala de aula, se encontram entrelaçadas às suas experiências formativas como na situação relatada pela Professora Ivana em que uma estudante, em diálogo com o texto apresentado pela Professora na sala de aula, ao se identificar com a personagem do texto sobre e sua imagem corporal despadronizada. Diz a Professora: “[...] Ela se viu naquele depoimento [...]. Dizendo que ela não conseguiu “botar o corpo”. E começou a chorar copiosamente assim e eu, cadê? Que eu não sabia o que fazer. Eu comecei a chorar também.” É provável que o ato de currículo da Professora instituído naquele momento esteja relacionado à sua própria imagem corporal ao relatar sobre suas dificuldades financeiras “Ou eu tinha que melhorar, encontrar um caminho, ou eu ia me prostituir né? Por que o meio que eu vivia era esse. Nem corpo eu tinha assim pra me prostituir. Porque sempre fui gordinha.”.

Episódios de imbricações entre atos de currículo instituídos pelos acontecimentos e as experiências acontecimentais docentes também aparecem nas narrativas da Professora Rebeca quando relata...

“Teve uma vez nessa turma de sétimo ano uma aluna que me desrespeitou, me xingou, veio em cima de mim. [...] aí saí da sala e disse a diretora que eu só voltava lá se ela se retratasse. A diretora não foi. [...] Aí passou, passou e eu fiquei sabendo que a menina vivia um contexto familiar em que, provavelmente, aquela agressividade que ela lançou sobre mim era um reflexo do que ela tava em casa e isso se externalizou de uma forma agressiva. [...] Foi uma situação muito difícil. Foi a única situação dessa minha história toda muito forte.” (Rebeca).

Nas palavras da Professora Rebeca, esse acontecimento narrado foi algo muito forte em sua história. É provável que esse episódio tenha se firmado pela afinidade que a Professora encontrou entre suas experiências acontecimentais e a realidade daquela estudante quando diz “eu senti muita falta na época que eu tava na fase deles de um professor que me ouvisse, de um professor que sentasse e, pelo menos, perguntasse ‘porque você tá rebelde hoje, porque tá assim nessa grosseria?’ ” Logo, é possível inferir que a dinâmica provocada pela atitude da professora provocou deslocamentos das

lembranças de suas experiências.

A maneira como esses/as docentes atualizam a “cena curricular” e se relacionam com os/as estudantes diante dos deslocamentos provocados pelos acontecimentos me leva a compreender esses atos de currículo como projeções, ou seja, como “ um processo inconsciente automático, através do qual um conteúdo inconsciente para o sujeito é transferido para um objeto, fazendo com que este conteúdo pareça pertencer ao objeto” (Jung, 2000, p. 72).

6 (IN)CONCLUSÕES: SÍNTESE COMPREENSIVA E GENERATIVA

As imbricações encontradas não são resultado de uma causalidade. Elas se fiam a partir do entrelaçamento do *continuum* experiencial, através do qual os acontecimentos ressonantes vão possibilitando novas potências formacionais. No entanto, os atravessamentos que provocam a teia da formação não necessariamente são refletidos. Pois, nem tudo que nos acontece é problematizado. Por isso, os processos metaformacionais contribuem para que ao ter acesso às experiências acontecimentais e compreendê-las refletidamente, o/a docente se reconheça, introjetivamente, como potência aberta ao acontecimento do Outro.

As imbricações entre os atos de currículo, compreendidos como projeções dessas pessoas professoras, e suas experiências não podem ser compreendidas como padrões de atualização curricular para outros/as docentes, nem mesmo para os/as professores/as aqui em questão. Mas, como identificações reflexivas às emergências dos acontecimentnos em contextos outros.

Assim, se implicar politicamente com as coisas do currículo não é uma demanda exterodeterminada, é uma escolha política intrínseca aos etnométodos de cada sujeito, emergidos a partir das relações deste com o instituído e, experienciados acontecimentalmente por eles. Isso, porque só aquele que sente o que lhe acontece, o que lhe passa, e o que lhe toca está aberto à experiência da transformação (LAROSSA, 2002).

Acredito, por toda problematização aqui construída, que os atos de currículo das pessoas professoras enquanto projeções de seus inconscientes podem ser dinamizados como identificações reflexivas para pensarmos a formação docente como um processo dialógico e dialético com seus *constituintes* experienciais, acolhendo suas temporalidades próprias como caminhos possíveis de autonomização curricular.

REFERÊNCIAS

BORBA, Sérgio C. **Espaços de formação**. Maceió: Catavento, 2000.

DEWEY, John. **Experiência e educação**. São Paulo: Nacional, 1976.

DOSSE, François. **Renascimento do acontecimento**. São Paulo: Unesp, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 46. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GIROUX, Henry. **Teoria crítica e resistência em educação**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1986.

JUNG, Carl G. **O desenvolvimento da personalidade**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1980.

_____. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis-R.J.: Vozes, 2000.

LAROSSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 09, 2002, p. 20-28.

_____. **Nietzsche e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MACEDO, Roberto S. **Currículo, campo, conceito e pesquisa**. Petrópolis, R.J.: Vozes, 2007.

_____. **Compreender, mediar a formação**: o fundante da educação. Brasília: Liber Livro, 2010.

_____. **A etnopesquisa implicada**: pertencimento, criação de saberes e afirmação. Brasília: Liber Livro, 2012.

_____. Atos de currículos: uma incessante atividade etnometódica e fonte de análise de práticas curriculares. **Currículo sem Fronteiras**, v. 13, n. 3, p. 427-435, set./dez. 2013

NÓVOA, A. **Vida de professores**. Portugal: Porto, 1992.